

PICOS E A CONSOLIDAÇÃO DE SUA REDE ESCOLAR.

Jane Bezerra de Sousa - UFPI

Todas as sociedades possuem a sua história, com a cidade de Picos (PI) não seria diferente, ali também existe na memória do povo e nos documentos escritos, as marcas na cidade dos tempos passados, o cotidiano, as emoções, a vida privada, histórias que perpassaram de “boca em boca” e sobreviveram no tempo, mas que correm o risco de se perderem, caso não sejam escritas ou registradas.

Picos (PI), localiza-se à margem direita do rio Guaribas, estando rodeada de montes picosos¹, que lhe legaram o nome. É o principal entroncamento rodoviário do Estado e o segundo do Nordeste. Localiza-se a 306 km da Capital Teresina (PI). O início do povoamento deu-se com a vinda de compradores de cavalos, originados de Pernambuco e Bahia. O primeiro lugar a ser devassado foi o atual município de Bocaina, em que Antonio Borges Marinho edificou, em 1754, uma capela, a qual ainda existe. Em 1851, erigiu-se a freguesia no Povoado sob a invocação de Nossa Senhora dos Remédios. Em 20 de dezembro de 1855, foi elevada à categoria de vila pela Resolução provincial nº 397, sendo desmembrada de Oeiras e ficando na ordem judiciária de Jaicós. Em 1859, a cidade de Picos foi edificada no local onde ficava localizada a fazenda de gado da família de Félix Borges Leal, português vindo da Bahia que instalou a fazenda Currealinho às margens do rio Guaribas. Como a maioria das cidades do Piauí, Picos surgiu da combinação fazenda, curral e capela. Em 12 de dezembro de 1890, foi elevada à categoria de cidade.

No período de povoamento da região, nos idos de 1754, era marcante a figura do vaqueiro em virtude mesmo de ser ali uma região predominante de fazendas. A educação informal, que formava o vaqueiro, se dava através da imitação da rotina do dia-a-dia, das atividades do pastoreio, numa sociedade em que a criação de gado e a agricultura de subsistência eram os principais meios de sobrevivência. Nesse momento, a preocupação com o saber ler e escrever era superada pela necessidade e pelo desejo do aprendizado do trabalho cotidiano.

Em 1851, foi nomeado o professor da cadeira de primeiras letras Joaquim Jusselino Viriato Formiga. Em 1854, já havia uma escola de primeiras letras para o sexo masculino, a qual contava com 17 alunos, enquanto, as mulheres do povoado não dispunham de professoras públicas, dedicando-se apenas aos afazeres do lar, à criação dos

filhos e aos cuidados do marido. Somente em 1867, foi criada, pela Assembléia Legislativa Provincial, uma escola de primeiras letras para o sexo feminino, tendo como professora Mariana Joaquina de Almeida Brito.

Outros professores desse período foram os mestres-escolas ambulantes, que se embrenhavam sertão adentro, ministrando as primeiras letras. Eles eram membros da comunidade que mais sabiam ler, escrever, contar, dedicando-se ao ensino desses conhecimentos. As aulas funcionavam em casas alugadas ou na casa dos alunos, sem livros, com móveis disponibilizados pelos próprios alunos, tendo muitas vezes o chão como quadro de escrever ou as pequenas lousinhas de ardósia que carregavam debaixo do braço. Os mestres-escolas ambulantes trabalhavam temporariamente nas fazendas e povoados ensinando meninos e meninas a escreverem as primeiras letras, exercendo assim o magistério nas incursões pelo interior. Aplicavam muitas vezes castigos para que a aprendizagem se efetuasse como a palmatória e a troca de bolos entre alunos caso não aprendessem a lição. Com esses procedimentos intentavam manter sua autoridade, além de acreditarem na eficácia do ensino dessa maneira. Em sua maioria, a atividade dos mestres-escolas era subsidiada pelos pais de família. Segundo A. Sampaio (1996) os mestres desapareceram à medida que o Estado enviou as primeiras professoras públicas para ensinar de graça, o que o autor caracteriza como uma luta desigual entre o mestre que cobrava e a professora que não cobrava nada. A estabilidade funcional dessas professoras era algo que os mestres-escolas ambulantes não conheciam.

Nesse processo de substituição dos mestres por professores subsidiados pelo Estado, chegou à vila a primeira professora normalista em 1886. Era Dona Ana Clara de Lima Castro esposa de Joaquim das Chagas Leitão². Conforme Lopes (2001), ela formou-se na Escola Normal do Piauí em 1883. Anos depois, precisamente em 1900, foi criada uma vaga de professor público municipal para ministrar aulas no povoado Genipapo. Esta situação perdurou até a fundação do Grupo Escolar Coelho Rodrigues.

A implantação do Grupo Escolar Coelho Rodrigues ocorreu em 1929, período em que predominava na cidade o coronelismo. Sua fundação coincide com as transformações ocorridas naquele período em todo o Brasil, como a urbanização das cidades, energia elétrica, mercado público.

O modelo de Grupo Escolar fez desaparecer lentamente a figura do mestre-escola e das escolas primárias de caráter particular de primeiras letras. O Grupo Escolar e a modernidade educacional exigiam a presença de um outro tipo de professora, vinda das

Escolas Normais. A chegada das normalistas, Maria das Neves Cardoso Santos, Alda Rodrigues da Mata Neiva e Ricardina de Castro Neiva à cidade mudou o ritmo de vida das pessoas, ao introduzirem novos comportamentos, novos conhecimentos. O entrelaçamento com a estrutura de poder, ao se casarem com prefeitos e outros políticos, permitiu opinarem e participarem das gestões como primeiras damas. Proporcionaram a apresentação de dramatizações e festas em suas residências. Além disso, os novos métodos de ensino utilizados na sua prática cotidiana fizeram do Grupo Escolar um centro irradiador de saber que permitiu aos alunos prosseguirem seus estudos no Ginásio em outras cidades. Além disso, as normalistas despertaram a vontade de que as filhas da terra procurassem estudar, se formassem e retornassem para atuar no Grupo Escolar Coelho Rodrigues.

As memórias de Nevinha Santos são de muita importância para entender esse período do Grupo Escolar por ela relatar o dia-a-dia, as práticas escolares, o convívio das normalistas, o retrato da cidade, a maneira de pensar e de se comportar da comunidade daquele período. Suas memórias proporcionam uma viagem no tempo, observando a antiga cidade de Picos como se fosse num filme ou num “trailer”, em que tudo é reconstituído na imaginação de quem está lendo.

Como entidade modernizante, o Grupo Escolar requeria um professor qualificado, por isso a combinação consubstanciada na aliança entre Grupo Escolar/ Escola Normal/professora normalista. Segundo Vilella (1998), as Escolas Normais representavam o novo em substituição ao que era velho, no caso, os mestres escolas, com saber prático ou algumas vezes, sem domínio da arte de ensinar. Conforme Lopes (2001), a normalista representava assim uma professora preparada nos mais modernos métodos de ensino e apta a trabalhar no Grupo Escolar.

Após a inauguração do Grupo Escolar, no dia 15 de fevereiro de 1929. A diretora Alborina Silveira Reis, com a colaboração das professoras, cuidava de toda a parte burocrática da escola desde a matrícula até o preenchimento de certificados de conclusão, assumindo assim um papel central, com poder de mando sobre alunos e professores, constituindo-se dessa forma em elemento fundamental e centralizador na escola. Segundo Souza (1998, p. 76),

[...] dela se esperava tudo: organizar, coordenar, fiscalizar e dirigir o ensino primário ... Encarregado de acompanhar todo o movimento das aulas, proceder à matrícula, classificação e eliminação dos alunos, organizar mapas e folhas de pagamento, fazer toda a escritura do grupo, visar os boletins mensais dos alunos

a fim de serem entregues aos pais, exercer sobre os alunos constante vigilância, quer em recreios, quer em horas de trabalho.

Foram diretoras do Grupo Escolar, no período de 1929 a 1944, Alborina Silveira Reis, Ricardina de Castro Neiva, Maria das Neves Cardoso Santos, Benvinda Nunes Santos e Julieta Martins Neiva Nunes, todas indicadas por políticos que gozavam do poder em cada época. Normalmente consideravam para a indicação ao cargo o critério de parentesco: Ricardina Neiva era esposa do Prefeito Dr. Antenor Neiva; Maria das Neves Cardoso Santos era esposa do Prefeito Adalberto de Moura Santos; Benvinda Nunes Santos era filha de Elizeu Pereira Nunes, ex-prefeito de Picos, e Julieta Martins Neiva Nunes era irmã do Dr. Antenor Neiva.

Na cidade, a maioria das crianças de seis a catorze anos eram analfabetas. A pedido do Coronel Francisco Santos³, as crianças foram separadas pela idade, sendo feita uma seleção: os menores ficariam numa sala e as maiores, em outra, cursando a 1ª. Série, pois todas precisavam aprender indistintamente. A mesma professora acompanhava a turma da 1ª. à 4ª. série. Para Souza (2004, p. 114), "o modelo colocava em correspondência a distribuição do espaço com os elementos de racionalização pedagógica – em cada sala de aula uma classe referente a uma série; para cada classe, um professor". No Grupo Escolar Coelho Rodrigues, o princípio de cada série numa sala de aula foi adotado, ficando ainda as crianças de faixa etária diferente em salas diferentes, embora na mesma série.

Os alunos aprendiam noções de História e Geografia, estudavam as principais regras de gramática e de matemática, tinham aulas de Educação Moral e Cívica. Além disso, aprendiam bons hábitos, bons costumes, noções de higiene, respeito às autoridades civis, militares e eclesiásticas e amor e respeito a Deus e à Pátria. No início da aula, cantava-se o Hino Nacional e, no fim, o Hino da Bandeira ou do Piauí.

Ainda em 1929, o Estado ampliou suas escolas fora da sede do município e criou, sob a lei nº. 40 de 17 de agosto do mesmo ano, escolas nos povoados Genipapo, Riachão, Bocaina e São Luís⁴. Em 11 de outubro de 1929, a Diretoria Geral de Instrução Pública, então dirigida por Christino Castelo Branco, exonerou a professora interina do povoado Riachão, Albertina Maria de Castro Leitão, por considerar falsos os mapas e atestados apresentados pela mesma. Essas escolas funcionaram legalmente até 1931, quando são fechadas pela Diretoria Geral de Instrução Pública, em 30 de novembro, devido a pouca frequência de alunos. Nessa época, a escola de Genipapo tinha 29 alunos; a de Riachão, 19;

a de Bocaina 14 e a de São Luís, 22. Com o fechamento dessas escolas ficou somente a de Picos, que tinha 49 alunos. Estavam assim as outras aquém do permitido no regulamento, motivo pelo qual não deveriam ser conservadas, uma vez que o resultado dessas escolas era inapreciável, segundo documento de nº. 539, da Diretoria Geral de Instrução Pública, assinado pelo diretor Benedicto Martins Napoleão.

Na época, a administração do município estava sob o comando de Plínio Mozart de Moraes, que, ao assumir a Prefeitura, enviou um relatório para o Governo do Estado, em dezembro de 1931, descrevendo a situação da educação no município, relatando que as escolas localizadas nas povoações não estavam em condições de funcionamento. Na sua visão, isso ocorria em função dos professores serem leigos, e, conseqüentemente, os pais tiravam os filhos da escola, por considerarem o ensino deficiente. Essa atitude dos pais provavelmente também decorreu da presença da professora normalista na cidade e do funcionamento do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, considerado até então como um ensino moderno e de qualidade.

Em 1932, precisamente no dia 02 de janeiro, foi fechada a escola mista de Picos, sob alegação de essa instituição não atender aos interesses do ensino. Provavelmente esse ato ocorreu em virtude do funcionamento do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, que atendia à demanda dos alunos da sede municipal.

Até então a ação do município em educação era muito incipiente. Somente em 1935 foi fundada a primeira escola municipal, funcionando num mesmo espaço físico, denominada de Escola Municipal Landri Sales, localizada em casas alugadas na Rua Grande, atualmente Avenida Getúlio Vargas.

Havia grande rivalidade entre os alunos da Escola Municipal Landri Sales e os do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, conforme Duarte (1995, p.61):

a disputa se dava nos mais variados aspectos: culturais, desportivos e até nos desfiles realizados em ocasiões solenes. Motivos das rusgas entre os alunos eram os apelidos dados aos estudantes de cada escola: por causa das letras C e R, o Coelho Rodrigues era chamado de Cera Roubada; as iniciais L e S do Landri Sales inspiraram o apelido de Lombriga Salgada.

O aluno Dimas Lélis (2004) relembra o tempo em que estudava no Landri Sales. Analisando suas memórias, podemos notar que o comportamento, a metodologia e as práticas educacionais eram semelhantes às implementadas no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, até porque algumas das professoras da Escola Municipal Landri Sales também atuavam no Grupo Escolar, como era o caso da professora Maria do Socorro Santos

Cantávamos o Hino Nacional, da Independência e do Brasil. Todo caderno tinha letras desses hinos. O que marcava mais a gente era do dia do aniversário do Presidente Vargas, o aniversário do Prefeito de Picos, desfilava nas ruas com a banda de música, distribuíam bombons para gente. Tinha festinha quando era aniversário da professora. As professoras eram bem trajadas, naquele tempo a gente chegava na escola, ela olhava detrás das orelhas. O castigo era escrever frases contradizendo o que tinha feito, às vezes ficava mesmo de joelhos. Naquele tempo, quando a professora reclamava e ia de castigo, a gente ia logo pra ver se ela não mandava dizer aos pais. O castigo era duro. Tinha um livro que era Coração de criança. No sábado colocavam a gente pra ler, leitura de classe. A professora notava quem tava conversando e de repente mandava continuar pra ver quem estava prestando atenção na leitura do amigo, coisas práticas que hoje poderia vigorar.

Até 1943 o Grupo Escolar Coelho Rodrigues e a Escola Municipal Landri Sales eram as instituições escolares responsáveis pela educação na sede do município, mas as carências já eram evidenciadas no ensino municipal como também algumas dificuldades no ensino ministrado pelo Grupo Escolar. A alta demanda da população por instrução, estimulou a elite econômica da cidade que também motivada pela promoção de ensino de qualidade e pela formação religiosa dos colégios da capital como o Diocesano e o Colégio das Irmãs, inicia a articulação da vinda das freiras para o município de Picos, a fim de educarem suas filhas com vistas não apenas aos aspectos didático pedagógicos, mas também à modelação dos comportamentos, à valorização da religiosidade e à aprendizagem de prendas domésticas.

Antes da fundação do Instituto Monsenhor Hipólito, existiram em Picos outras escolas de caráter privado como a de Miguel Lidiano, a de Mário Martins, a de Zezé Eulálio e a de Ulisses Rocha, destinadas ao ensino primário. A primeira escola de caráter confessional fundada em 1944 foi o “Colégio das Freiras”, como era comumente conhecido até o ano de 1972, quando ocorreu a unificação dos cursos primário e ginásial, passando então essa escola a ser denominada Instituto Monsenhor Hipólito.

Em 1943, encontrando-se enfermo no Hospital Getúlio Vargas, o Monsenhor João Hipólito⁵, acompanhado do seu sobrinho, o Reverendo Paulo Libório, manifestou às Irmãs Filhas do Coração Imaculado de Maria⁶ o desejo que ambos tinham de fundar um colégio religioso na cidade de Picos, terra natal do Monsenhor⁷. Após a sua morte, o monsenhor Paulo Libório recorreu à madre geral, Irmã Maria de Jesus e a Dom Severino Vieira de Melo, pedindo freiras para instalar a escola em Picos. O pedido foi prontamente atendido. No dia 28 de julho de 1943, saíram de Teresina as primeiras freiras, que, após dois dias e meio de viagem, chegaram a Picos às 13h, sendo recebidas por Adalberto Santos, Celso Eulálio, Edith Leopoldo e Benvinda Nunes. O ensino privado

consubstanciou-se na fundação do Instituto Monsenhor Hipólito, pelo empenho da igreja e da elite picoense, iniciando o ensino de datilografia e de bordado para as meninas e se consolidando como formador das elites picoenses, especialmente femininas.

Até o ano de 1949, a cidade de Picos não possuía Ginásio. O Grupo Escolar Coelho Rodrigues, a Escola Municipal Landri Sales, o Instituto Monsenhor Hipólito e os professores municipais espalhados em casas e escolas improvisadas, ensinando a ler, a escrever e a contar, constituía o panorama educacional da região. Quem desejasse ampliar os estudos ia para Teresina, Crato ou Floriano, como lembra Oscar Eulálio (2005):

Daqui foram colegas fazer o curso em Teresina no ginásio, fomos a cavalo, viagem que durou 27 dias. Descansávamos debaixo de uma tenda feita de couro de boi onde armávamos as redes uma ao lado da outra. Levávamos requeijão, rapadura, bode, carne de gado. Certa vez, tivemos que esperar oito dias pois o rio estava cheio e não tinha como passar. Passamos o mês de dezembro viajando saindo daqui dia 03 e chegamos lá dia 27 de dezembro de 1943.

Era uma viagem cansativa e dispendiosa mesmo para as famílias abastadas do município, que logo passariam a reivindicar a estruturação dessa modalidade de ensino na cidade. Foi nesse cenário que surgiu a necessidade da fundação de um Ginásio na cidade, o que representava um anseio dos jovens egressos do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, os quais desejavam a continuidade dos estudos, ascensão social e maior prestígio. Era uma forma de se chegar ao ensino superior. A procura pelo ensino secundário na região se deu em função também das modificações que vinham ocorrendo no país desde 1930, com o crescimento da população, o deslocamento da população rural para as zonas urbanas e as exigências de maior escolarização devido ao crescente processo de urbanização.

Segundo Dimas Lélis (2004), ex-aluno do Ginásio Estadual Picoense, teria o prefeito da época, Celso Eulálio⁸, feito a seguinte pergunta ao juiz José Vidal de Freitas: "O que faço para minha administração nunca ser esquecida?" Logo veio a resposta: "Crie um Ginásio para a mocidade picoense". Dessa forma, Celso Eulálio empreendeu várias visitas à capital em busca da criação do Ginásio, como noticia o jornal O Piauí, de quinta feira, 25 de agosto de 1949.

Prefeito Celso Eulálio

Procedente da progressista cidade de Picos, encontra-se nesta capital nosso amigo e distinto correligionário Prefeito Celso Eulálio que para aqui se dirigiu a fim de tratar de interesses de seu próspero município.

Ao distinto itinerante, que é um dos políticos de maior prestígio do estado e que nos deu o prazer de uma visita, apresentamos votos de boas vindas e profícua estada (PREFEITO, 1949)

Outra matéria no mesmo jornal já noticia os motivos que levaram o Prefeito Celso à capital:

GINÁSIO PICOENSE SUA PRÓXIMA INSTALAÇÃO

O povo picoense, tendo a frente o dinâmico Celso Eulálio, está vivamente empenhado no louvável propósito de levar a efeito no principio do ano vindouro a instalação do Ginásio Picoense, aspiração máxima daquele grande povo.

Para isso quando da estadia do ilustre chefe do executivo municipal picoense nesta capital foi lavrando um acordo entre o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal de Picos, transferindo o Governo Estadual àquela Prefeitura de acordo com o que estabelece a constituição estadual os poderes que lhes foram conferidos para criação e instalação daquele estabelecimento de ensino secundário, na terra de Coelho Rodrigues por não estar em condições de fazê-lo no momento. (GINÁSIO, 1949)

A matéria do jornal também se referia ao entusiasmo do povo picoense, exaltando o chefe do poder executivo municipal, ao mesmo tempo que informava sobre a formação de uma comissão central composta por membros da comunidade picoense, como o Dr. Fonseca. Essa comissão ficou sob a presidência do prefeito Celso Eulálio e tinha como objetivo arrecadar fundos para o funcionamento do Ginásio. Como se vê, o governo do Estado, representado por José da Rocha Furtado⁹, se empenhou apenas na autorização e funcionamento regular do Ginásio, alegando falta de recursos financeiros no Departamento de Educação fato que não difere do modelo de interiorização desse nível de ensino em Parnaíba e Floriano ainda na década de 20, que resultou da ação dos governos municipais e de membros da própria comunidade.

Olímpio (1993, p. 32) apresenta a seguinte explicação para a falta de investimento do governo Rocha Furtado em educação:

Essa situação era fruto da intransigência da maioria dos deputados, de filiação pedessista, que fazia oposição a Rocha Furtado e relutava em aprovar qualquer suplementação de verba para o Departamento de Educação, enquanto o governo não atualizasse o pagamento de seus subsídios, em atraso há algum tempo.

A implantação do Ginásio Picoense implicou em muitas brigas políticas entre os partidos e grupos dominantes da política municipal: a UDN (União Democrática Nacional) e o PSD (Partido Social Democrático), ambos fundados em 1945, quando, segundo Bueno (2002, p. 344), “Vargas se viu forçado a baixar a guarda e, no dia 28 de fevereiro, assinou o Ato Adicional n. 9, fixando o prazo de 90 dias para a realização das eleições”. No Piauí, a UDN, contrária ao regime getulista tinha, um órgão de notícias intitulado “O Piauí”, que basicamente enaltecia os feitos udenistas e decrescia a ação do PSD. A briga relativa à

implantação do Ginásio ocorreu entre os partidos e líderes políticos em função da repercussão na comunidade da idéia de criação dessa escola.

Como fundar um Ginásio em Picos seria uma obra audaciosa e de cunho importante diante do anseio da comunidade, os deputados Alberto Monteiro e João de Moura Santos, ambos do PSD, chegaram a votar contra na Assembléia Legislativa para que tal ato não favorecesse os deputados Antenor Neiva e Hélio das Chagas Leitão (UDN)¹⁰. Este último concedeu entrevista ao Jornal Piauí sobre esses acontecimentos:

Já foi dada a autorização pelo Ministério da Educação para realização dos exames de admissão que se realizarão nos dias 06 e 07 de março vindouro. Com esse grande empreendimento o povo da minha terra vê coroado de êxito o seu velho sonho. No começo advertido por amigos de que certos elementos trabalhavam contra o Ginásio não queria acreditar, confesso pois não costumo atribuir aos outros aquilo que em qualquer circunstância jamais faria. Os fatos, contudo se encarregaram das provas. Senão, vejamos : - quando saiu uma comissão formada de elementos de destaque na sociedade local (udenistas e pedessista), angariando contribuições para o ginásio, somente não contribuíram na cidade o chefe pedessista Chico Santos, seus filhos João de Moura (deputado) e Valdemar Santos (candidato ao PSD a Prefeito, derrotado nas últimas eleições e seu genro Hercílio Rocha (gerente do Banco do Brasil). Com exceção destes cidadãos, os demais membros da comuna picoense contribuíram e deram o seu apelo metal. Mas não ficou só nisso, eles próprios se encarregaram de comprovar que era verdade o que se dizia a boca pequena, tanto assim que quando recebemos a notícia de que o ministério havia dado a autorização para o exame de admissão, houve uma festa de regozijo da população sem distinção política. Só não compareceram esses cidadãos, ainda não permitindo que membros da família participassem do justo regozijo do povo. (LEITÃO, 1950,p.01)

A implantação do Ginásio passa a ser uma luta de caráter pessoal do prefeito Celso Eulálio, que, em discurso na Câmara Municipal, se comprometeu em manter o Ginásio com o dinheiro da prefeitura e até mesmo do seu próprio bolso. Essa luta tinha como aliada a pressão e a contribuição da comunidade picoense, que se mobilizava para arrecadação de fundos pecuniários destinados à implantação do Ginásio.

Assim, o governador José da Rocha Furtado autoriza, em 1949, o funcionamento do Ginásio Estadual Picoense. Segundo Macedo (1987), “o nosso Ginásio foi criado aos esforços dos deputados Antenor Neiva e Hélio Leitão. Sua instalação deve-se à vontade férrea do Prefeito Celso Eulálio. Mas o seu funcionamento é mérito do Professor Vidal”.

A reunião inaugural do Ginásio Estadual Picoense ocorreu no dia 09 de março de 1950, como consta no Livro de atas I, do Ginásio:

Às nove horas da manhã do dia acima citado reuniram-se, sob a presidência do Governador do Estado José da Rocha Furtado, Matias Olímpio de Melo, Luiz

Mendes Ribeiro Gonçalves, Agenor Barbosa de Almeida, Agenor Portela Veloso, Hélio das Chagas Leitão, Demerval Veras, Gumercindo Saraiva Ribeiro, Celso Eulálio, José de Sousa Granja, Antenor Neiva e Vidal de Freitas. Realizou-se a inauguração do Ginásio Estadual Picoense, no prédio destinado ao seu funcionamento na Praça da Bandeira (Grupo Escolar Coelho Rodrigues), sendo orador oficial o Juiz Vidal de Freitas, logo em seguida o Governador do Estado fez um apelo “a criação do Ginásio pertence ao povo de Picos e representa terreno neutro, não serve a influência dos interesses de ninguém”. Foi oferecido à noite um grande baile ao Governador do Estado e às delegações de udenistas de Pio IX e Fronteiras.

A afirmação do governador teria sido em função das disputas criadas pelos deputados e prefeito em torno do mérito da criação do Ginásio, uma vez que este feito traria de alguma forma dividendos políticos para os seus realizadores. Inicialmente, a sede do Ginásio foi no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, que, embora já desse naquele período claros indícios de decadência com um prédio necessitando de reformas, não prejudicou a aura de glória que cobria a fundação do Ginásio, uma vez que, para a população, não importava onde funcionasse a instituição, pois o seu caráter de relevância não se perdia em função da falta de uma sede ou do estado do local de seu funcionamento.

Picos agora tinha o Ginásio, e isso representava uma conquista importante no conjunto das cidades piauienses. O curso ginásial pôs fim à migração precoce dos jovens para outras cidades, trazendo o sonho da faculdade, os bailes de formatura, a ampliação do contato com livros e o intercâmbio com outros Ginásios do estado e do país. É um momento marcante na memória de todos os Picoenses. Alguns alunos ainda guardam seus diplomas, o exame de admissão, suas notas, fotografia de época, possibilitando a recuperação desse tempo e da cultura escolar.

Assim, de 1929 a 1949, a rede escolar sistematizada com ensino regular seja estadual, municipal ou privado é consolidada em Picos, através da fundação das escolas organizadas em série, com contratações de professores possuidores de formação específica, uma sede fixa, carteiras, quadros de escrever e material escolar substituindo assim o cenário anterior em que predominava os mestres ambulantes sem formação específica e nem uma instalação própria para o ensino. Isto se deu principalmente pelo projeto modernizador após a revolução de 1930 com o governo Vargas que tinha como objetivos apagar as heranças do período coronelista no Brasil.

Referências Bibliográficas

- ALBANO, Osildo. *Professor José Vidal de Freitas*. 1987. Mimeografado. Museu Ozildo Albano.
- EULÁLIO, Oscar Neiva. *Oscar Neiva Eulálio*: depoimento [abr. 2005].. Picos-PI, 2005. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da dissertação da entrevistadora.
- GINÁSIO. *O Piauí*, Teresina, PI, 24 de setembro de 1949.
- HISTÓRICO. *Revista do Jubileu de Ouro*. Caruaru, PE, Editora Vanguarda, n. 01, p. 18, 1994.
- LEITÃO, Hélio. *Fala ao Piauí o deputado Hélio Leitão*. O Piauí, Teresina, p.01, 23 de fevereiro de 1950.
- LÉLIS, Dimas de Sousa. *Dimas de Sousa Lélis*: depoimento [dez. 2004]. Picos-PI, 2004. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida para elaboração da dissertação da entrevistadora.
- LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. *Superando a pedagogia Sertaneja*: Grupo Escolar, Escola Normal e Modernização da Escola Primária Pública Piauiense (1908 – 1930) 2001.225f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.
- OLÍMPIO, José. *Liceu Piauiense*. Teresina: Gráfica Mendes, 1993.
- PICOS. *Conselho de Inspeção do grupo Escolar Coelho Rodrigues*. Relatórios Registrados no livro de Termos de Inspeção do Referido grupo. 1932 a 1954. Manuscrito.
- PICOS. Decreto nº 01, de 02 de janeiro de 1931. *Extingue a escola mista de Picos*. Diário Oficial, Teresina, 11 de fevereiro de 1932.
- PICOS. Prefeitura Municipal. *Relatório da situação do município de Picos apresentado ao interventor Federal do estado do Piauí pelo prefeito nomeado, Plínio Mozart de Moraes, 1931*. Manuscrito.
- PREFEITO. *O Piauí*, Teresina, PI, 25 de agosto de 1949
- SAMPAIO, A. *Velhas escolas – grandes mestres*. Teresina: Comepi, 1996
- SOUZA, Rosa Fátima de. Lições da Escola Primária. In: SAVIANI, Demerval. *O Legado Educacional do Século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- _____. *O direito à educação: lutas populares pela Escola em Campinas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.
- VILLELA, Heloísa de O. S. O mestre-escola e a professora. In: Lopes, Eliana Marta, et al. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

¹ O que lhe fornece um aspecto de um anfiteatro romano

² Chegou a Picos em 1886 e era Tabelião. Foi intendente Municipal, fundou o Jornal O aviso, elaborou o código de posturas da cidade (1901). Deputado estadual durante 28 anos, era conhecido como Coronel Leitão.

³ Dado enfatizado nas memórias de Nevinha Santos , que reverencia em muitos trechos de suas memórias o coronel Francisco Santos

⁴ Atualmente são municípios que foram desmembrados, respectivamente, Itainópolis (1954), Monsenhor Hipólito (1956), Bocaina e São Luís.

⁵ Cônego honorário da catedral de Teresina e camareiro secreto do papa Pio XI, primogênito do coronel Carlos Hipólito Ferreira e de Isabel Maria da Conceição, nasceu em 16 de maio de 1880 na fazenda “Lagoa do rato”, atual cidade de Fronteiras (PI). Foi pároco de Picos em 1935 e faleceu no dia 17 de junho de 1943.

⁶ A Congregação das Filhas do Coração Imaculado de Maria foi fundada em 1916, em Macapá (PA), pelo padre Júlio Maria Lombardi.

⁷ Em 1943, o local onde nascera o Monsenhor João Hipólito de Sousa Ferreira pertencia à cidade de Picos (PI).

⁸ Prefeito municipal, udenista, no período de 1948 a 1951.

⁹ Nasceu em União, em 24 de fevereiro de 1909. Concluiu o curso de medicina em 1932 e assumiu o governo do estado em 1945, após a ditadura Vargas. Era udenista.

¹⁰ Deputado pela UDN em 1946. Foi aluno do Felisberto de Carvalho, em Picos (PI). Nasceu em 08 de agosto de 1914. Faleceu em 28 de setembro de 1976.